

O feminino e o demonológico em “Bela das brancas mãos” de Marina Colasanti

Thiago Coelho do Vale¹ (IC)*, Márcia Maria de Melo Araújo² (PQ)

Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, Rua Augusto Monteiro de Godoi, s/n, Centro, Pires do Rio, Goiás.

Resumo: No presente trabalho, refletimos sobre o diálogo entre o conto “Bela, das brancas mãos”, do livro *Longe como o meu querer* de Marina Colasanti (2008), e a lenda de Melusina, atentando para a especificidade de cada texto, assim como para valores e mentalidades das épocas em confronto. Buscamos compreender as relações dialógicas entre literatura, história e imaginário, sobre Melusina, bem como Colasanti. Como metodologia, empregamos fontes como Fonseca (2011), Jean d’Arras (1393) e Henri Donteville (1973). A ideia é examinar os diversos pronunciamentos textuais acerca da mulher nos períodos medieval e contemporâneo. Os textos são lidos intertextualmente, uma vez que Marina Colasanti parece retomar o diálogo com a tradição medieval da mulher-serpente. Tentamos esclarecer algumas indagações a respeito da figura feminina e sua propensão para o libidinoso na visão patristica de alguns doutores da Igreja, e como acontece os respingos da medievalidade em obras como as da escritora Marina Colasanti. Este trabalho é produto parcial de plano de trabalho relacionado ao tema e intitulado “‘Bela, das Brancas Mãos’ e o diálogo com a lenda de Melusina: as mulheres-serpentes”, desenvolvido por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás, sob supervisão da Profa. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo.

Palavras-chave: Marina Colasanti. Melusina. Literatura Comparada.

Introdução



¹ Graduando em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas. thiagocoelho217@gmail.com

² Docente em Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Goiás. Líder do GEPELLP

O segredo de Melusina revelado, do *Le Roman de Mélusine*. Uma das 16 pinturas de Guillebert de Mets, cerca de 1410. O original está na *Bibliothèque nationale de France*. [Melusinediscovered.jpg](#) (598 × 301 pixels, file size: 65 KB, MIME type: image/jpeg).

Title Français : Mélusine en son bain, épiée par son époux Raimondin. Roman de Mélusine par Jean d'Arras. Title English: Melusine's secret discovered, from Le Roman de Mélusine. Date between circa 1450 and circa 1500. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Melusinediscovered.jpg>

A ideia da pesquisa surgiu a partir do interesse pela conhecida história de Melusina, primeiramente aproveitada na literatura romanesca por Jean d'Arras, em seu livro *A nobre história de Luzignan*, escrito por volta de 1392-1393. Melusina foi uma fada que se casou com o senhor de Luzignan, com a promessa de enriquecê-lo se ele nunca a procurasse aos sábados. Luzignan não cumpriu a promessa e, certo sábado, foi vê-la no banho. Percebeu, então, que ela era metade mulher, metade serpente. Melusina fugiu e o fim da história acabou por ter várias versões. Uma dessas versões foi escrita por Henri Dontenville (1973, p. 221), dizendo que Melusina, à meia-noite, assumia a forma humana para amamentar os dois filhos mais novos.

Desse interesse, buscamos refletir sobre o diálogo estabelecido entre o conto “Bela, das brancas mãos”, do livro *Longe como o meu querer* de Marina Colasanti (1997), e a lenda de Melusina, atentando para a especificidade de cada texto, assim como valores e mentalidades das épocas em confronto.

Material e Métodos

A metodologia utilizada para a execução do presente estudo consistiu, em termos de teoria, de recursos e estratégias do método comparativista, em se examinar, comentar e interpretar os diversos pronunciamentos textuais acerca da mulher no período medieval e no período contemporâneo. Para tanto, os textos foram lidos intertextualmente, uma vez que, o conto “Bela, das brancas mãos”, do livro *Longe como o meu querer* de Marina Colasanti (2008), retoma o diálogo com a tradição medieval da mulher-serpente.

Vale comentar que monstros com tronco humano, como a Melusina e muitos outros da tradição clássica como a esfinge, o centauro, a sereia e o sátiro, foram considerados símbolos de uma sexualidade forte e primitiva, geralmente maléfica. Essa visão maléfica da mulher-serpente encontra-se igualmente exposta em Isidoro de Sevilha, uma das fontes mais influentes do saber e do imaginário medievais. Nas

suas *Etimologias*, ao comentar os fabulosos portentos humanos, Isidoro de Sevilha se refere às *Górgonas* e às sereias como meretrizes, cuja fama as havia colocado no domínio do fabuloso.

O desprezo do Santo pelo corpóreo e, consecutivamente, pelo sexo chega ao ápice no corpo feminino. “Desde Eva até à bruxa dos fins da Idade Média, o corpo da mulher é o lugar de eleição do diabo”, comenta Jacques Le Goff (2010, p. 54). O período do fluxo menstrual, assim como os tempos litúrgicos que implicam proibição sexual, a quaresma por exemplo, é atingido por lendas e tabus, como a crença de o fio de cabelo de uma mulher em estado de menstruação pudesse se transformar num terrível monstro. Talvez residisse nesses aspectos que culminaram com a proibição sexual, que muitos autores tenham visto uma fórmula para contestar esse estado de coisas.

Com base em resultados de estudos já realizados em vários campos do conhecimento acerca da cultura ocidental, temos como pressuposto investigativo, o fato de que a imagem recorrente da mulher-demônio é de raízes fincadas na própria antropologia cultural, histórica e social do patriarcalismo na sua concepção ocidental, quer de ascendência pagã ou judaico-cristã. Nesse sentido, investigamos a configuração do feminino, com uma base de fundo maravilhoso, tendo por referencial teórico sustentação em estudos sobre Melusina, encontrados nas obras de Jacques Le Goff (1990, 2010), Jean d'Arras (1340), Henri Dontenville (1973), Antônio Moras (1990) e em estudos sobre a Literatura Brasileira.

Resultados e Discussão

Em 2015, participamos do II Simpósio Nacional Interdisciplinar de Geografia e Letras (SINGEL), no qual apresentamos comunicação oral intitulada A mulher e a cor medieval na poesia de Alphonsus de Guimarães. Nessa apresentação, tentamos estabelecer um diálogo entre a poesia de Alphonsus de Guimaraens e a lírica galaico-portuguesa, com o objetivo de apresentar aspectos da medievalidade presentes na escrita e na representação lírica do feminino pelo poeta brasileiro. A importância de ter apresentado essa comunicação é que comecei a entender como pesquisar, como organizar as ideias para poder apresentá-las e também porque serviram de base para minhas primeiras impressões sobre a

medievalidade e de elementos que tratam sobre o tema da veneração da mulher e sua projeção no cenário textual.

Apresentamos no IV Colóquio Nacional e XVII Colóquio de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em 2016, a comunicação intitulada “O feminino e o demonológico em “Bela, das Brancas Mãos”, de Marina Colasanti”. Nessa apresentação, tentamos esclarecer algumas indagações a respeito da figura feminina e sua propensão para o libidinoso na visão patrística de alguns doutores da Igreja, e como acontece os respingos da medievalidade em obras como as da escritora Marina Colasanti.

Para tal, utilizamos a tradução da lenda de Melusina, conforme contada por Jean d'Arras, que começa sua história quando Elynas, o rei de Albany, sai para caçar e encontra uma bela dama, a fada Presina. O rei a convence a casar-se com ele, contudo, como acontece com todos os enlaces que envolvem fadas e mortais, ele teria que cumprir uma condição: a de que não entraria nos aposentos de Presina quando ela desse à luz ou banhasse suas crianças.

Ao quebrar a promessa, Elynas perde sua família, pois Presina abandona o reino e vai para a ilha perdida de Avalon, levando suas filhas as trigêmeas Melusina, Melhor e Palatina (ou Palestina). As três irmãs vivem em Avalon longe do pai até o aniversário de 15 anos, quando Melusina queria saber o motivo de viverem em Avalon longe da vista paterna. Ao saber sobre a promessa quebrada, ela jura vingar-se do pai e com a ajuda das outras irmãs capturam Elynas e o trancafiam, junto com sua riqueza, no interior de uma montanha.

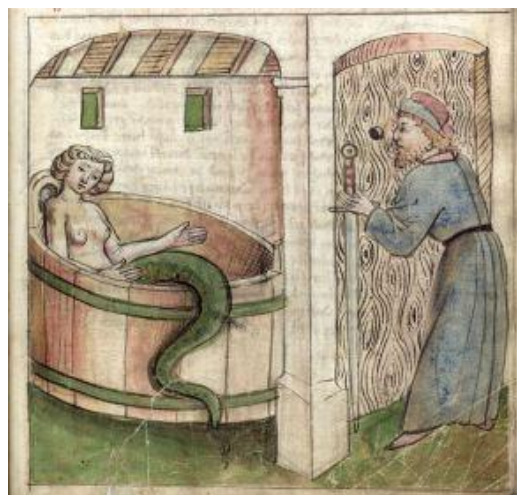
Ao saber o que fizeram as trigêmeas, Presina aplica a cada uma um terrível castigo, por terem desrespeitado o pai. Se não o tivessem preso, elas, com o tempo, se tornariam mortais e teriam uma vida normal. Melusina teve como castigo se transformar em serpente da cintura para baixo, todo sábado. Para quebrar o feitiço, teria que encontrar e casar-se com um homem que obedecesse à condição de nunca vê-la nesse dia.



Assim, entendemos melhor a sina de Melusina quando em uma floresta na

França, o Senhor de Luzignan, Raymond de Poitou, a encontra e após rápida noite de conversa, ficam noivos. Melusina o fez prometer que ele nunca a veria aos sábados, e sob essa condição se casaram e viveram um longo período de grande riqueza e prosperidade. Melusina o ajuda a erigir uma verdadeira fortaleza composta por castelos, igrejas, torres e vilas por toda a região, como num passe de mágica. Todo o reino os admirava e amava a seus dez filhos. Mesmo que cada criança tivesse nascido com algum defeito ou deformidade, como um olho só, um grande dente na frente, todas eram amadas e acolhidas pelo reino.

Entretanto, certo dia, Raymond abre as portas do reino para receber seu irmão. Como era um dia de sábado, Melusina não comparece, o que parece despertar a curiosidade e certa maldade do irmão, que diz a Raymond que ouvira rumores sobre Melusina se recolher aos sábados para fazer maldades. Contrariado, Raymond resolve



espionar Melusina no banho e vê que ela tinha o corpo e a cauda de uma serpente da cintura para baixo. Inicialmente não conta nada a ninguém e sente raiva de seu irmão, que o fez quebrar a promessa. Mas no dia em que seu filho Geoffrey mata o próprio irmão juntamente com cem monges, por causa de um ataque de fúria porque o irmão havia se juntado a uma comunidade religiosa, Raymond não consegue se segurar e, publicamente, chama Melusina de “serpente traiçoeira”³, cuja descendência não poderia ter um bom final.

A partir daí, Melusina revela sua ascendência, mas omite que sua mãe era uma fada e não explica a origem de sua transformação. Ela voltaria a noite para cuidar de seus filhos e depois desapareceria. Raymond nunca mais foi feliz. Quanto à descendência de Melusina, dizia-se que reinaria até o fim dos dias. Esta é a lenda de Melusina conforme contada por Jean d'Arras.

Ainda sobre a lenda de Melusina, é sabido que as dinastias reais e famílias nobres procuravam forjar para elas uma origem mítica. Sendo assim, o senhor de Luzignan conseguiu se apoderar de Melusina, dando-lhe seu nome. Seguindo esse

³ Fonte: <https://sesereias.wordpress.com/2014/05/12/a-lenda-de-melusina-conforme-contada-por-jean-darras/>. Acesso em: 17 ago. 2016.

modelo, Le Goff (2010, p. 24) expõe encontrar o mais belo exemplo do maravilhoso político ambíguo em Geraldo de Cambrai, no início do século XIII. Trata-se da ascendência “melusiana” dos Plantagenetas, que se tornaram reis da Inglaterra, e teriam, desse modo, como antepassado, no século XI, uma mulher-demônio. Segundo essa versão, Ricardo Coração de Leão fazia menção a Melusina e se servia dela em sua ação política, para explicar seu comportamento e justificar aspectos extravagantes de suas opções e até mesmo o fato de, na sua família, os filhos se armarem contra o pai e se combaterem incessantemente (LE GOFF, 2010).

Por esse contexto de extravagância e não isento de excentricidade, podemos notar que a visão monstruosa e destruidora do feminino faz parte de ancestrais cosmogonias míticas. Foi, entretanto, no período medieval, principalmente para o seu final, que tal visão intensificou-se com a agregação de motivos demonológicos. A partir do século XIII, num período coincidente com o apogeu dos bestiários medievais e do Trovadorismo, a sereia tornou-se o símbolo do amor maléfico. Não poderíamos deixar de comentar a serpente que se pactuou com Eva devido à sua natural vulnerabilidade à sedução e ao engano. Tal como as sereias com cauda de peixe, as mulheres-serpentes entraram no imaginário medieval, alimentando a tradição e os contos populares por muitos séculos.

A respeito da conhecida história de Melusina, o conto “Bela, das brancas mãos”, do livro *Longe como o meu querer* de Marina Colasanti (2008), parece retomar o diálogo com a tradição medieval da mulher-serpente. Marina Colasanti, sintonizando aquele aspecto da incontinência feminina para o libidinoso e para o demonológico, retoma o tema da tradição medieval, contudo traz uma nova roupagem para o mito, lançando uma visão moderna sobre essa temática.

O conto narra a história de uma bela e jovem aldeã muito cobiçada pelos homens da aldeia. As mulheres se sentiam feias e desprezadas por seus homens, que só tinham olhos para a mocinha que se transformava em mulher. Vários acontecimentos na aldeia levaram as mulheres a se reunir à noite e expulsar a mocinha da aldeia para que nunca mais voltasse. No dia seguinte, disseram que ela havia partido com um viajante.

Certo dia um dos homens da aldeia saiu para caçar e não voltou. E assim foi acontecendo com outros homens, num total de cinco homens desaparecidos. Todos passam a temer o bosque, mas com necessidade de buscar provisões, dois homens

resolveram se arriscar e iriam juntos ao bosque para caçar. Entretanto, terminam se perdendo de vista, até que um solta um grito e o outro corre para ajudá-lo. Ao chegar ao local de onde vinha os gritos viu um grande serpente a engolir o amigo que já estava pela metade na boca da serpente. Com medo de atirar e atingir o amigo, resolve agarrá-lo pela mão e o puxar com todas as forças que tinha. Aos poucos conseguiu retirar o amigo da boca da serpente, mas havia algo que segurava os tornozelos e não o deixava libertar-se. Eram duas mãos que se prendiam em volta dos tornozelos do amigo e o jeito era puxar novamente. Mas agora eram dois a puxar o terceiro homem. E foram puxando assim um a um até surgir o último desaparecido e quando este apareceu de dentro da boca da serpente, um par de mãos brancas e delicadas segurava seu tornozelo. E os sete homens puxaram aquelas mãos e braços até que viram que tratava-se da moça da aldeia que acreditavam ter partido com um viajante. A rigor, o conto de Marina Colasanti retoma o tema da mulher serpente da tradição medieval, contudo traz uma nova roupagem do mito.

Em seu artigo intitulado “Das representações míticas à cultura clerical: as fadas da literatura medieval”, Antônio Morás (1999) estuda a permanência dos mitos celtas no folclore medieval e como temas e motivos são assimilados pela cultura clerical do século XII em diante. Entre outras leituras feitas, destacamos a de Katherine M. Rogers (1966) que reconhece, como motivo perpetuador da força dos preconceitos contra a mulher, a presença de certas estratégias retóricas, as quais, como verdadeiras fórmulas de autoridade, nutriam o conhecimento e a sabedoria da Idade Média. Assim, os preconceitos contra a mulher se apresentavam, na mentalidade e na cultura ocidentais, não só uma construção herdada da antiguidade clássica, mas também, e principalmente, uma formação do pensamento judaico-cristão desenvolvido na Idade Média.

Entre esses preconceitos, é de se notar ainda que dentre algumas ideias e figurações, oriundas de certo senso comum a muitas civilizações, revelavam certo pavor pelo órgão genital feminino destruidor, concebido como um *locus* que trazia a ideia de perigo, castração e morte. Na verdade, essa ideia do temor e da ameaça apresentados pelo feminino remonta a construções míticas presentes nas mais ancestrais civilizações (ARAÚJO, 2013). Tem a ver com a visão primordial da natureza e da terra, detentora de segredos e de mistérios provedores não só dos

auspícios da vida (Eros) como também do infortúnio da morte (Tânatos). A mulher, ser superior na história universal das fêmeas por trazer em si a natureza e os atributos da fertilidade, passou, dessa forma, a personificar toda a Terra, ao mesmo tempo mãe e madrastra dos seus filhos.

Assim, com essas leituras, encontramos justificativa e relevância deste trabalho, posto que o imaginário sobre a natureza e os atributos do feminino levanta questões ainda hoje não equacionadas. Ademais um dos aspectos mais temidos da natureza feminina foi ancestralmente imputado à sua natural disposição para os apetites do corpo, expressos pelo desejo luxurioso da carne, geralmente sentido e racionalizado pelo homem como uma incandescência comprometedora da sua integridade física, moral e espiritual. Esse motivo encontra-se alegoricamente presente no bestiário medieval, podendo ser exemplarmente notado na representação sexuada das pedras-de-fogo ou terebolem, cuja espécie fêmea, ao aproximar-se da pedra-macho, era responsável pela combustão do seu parceiro. Esse imaginário sobre a natureza feminina completa-se quando, a seguir à descrição das propriedades físicas das terebolem, o bestiarista, fazendo o seu usual comentário moralizante de fundo religioso, chama a atenção do homem para um dos mais perigosos atributos da natureza feminina – a sua lascívia sedutora, incontrolável e funesta (WHITE, 1984, p. 226-227).

Pedro Fonseca (2011), em seu estudo sobre o bestiário e o discurso do gênero, afirma que essa moralização sexual comparece mais insistentemente em referência direta ou analógica ao gênero feminino, não só de animais selvagens como também de seres fabulosos e fantásticos hibridamente configurados num aspecto monstruoso. Exemplo característico desse último caso é a figura da sereia, que simboliza a natureza feminina como essencialmente ambígua. Assim, o feminino, a partir desse imaginário, constituía-se ambigualmente por qualidades e defeitos, tais como a ambivalente condição da sua beleza e encanto em fascinar e aterrorizar; provocar a aproximação amorosa e, ao mesmo tempo, suscitar uma aversão odiosa pelo fatídico engano que ocultava (BESTIÁRIO..., [s.d.], p. 24).

A partir do século XIII, num período coincidente com o apogeu florescente dos bestiários medievais e do Trovadorismo, a sereia tornou-se o símbolo do amor maléfico. Brunetto Latini (1265-ca. 1295) mistura, em sua tradução, duas tradições lendárias: a da sereia-pássaro greco-romana e a da sereia-peixe da tradição celta.

Assim como Isidoro de Sevilha (1982-1983), Brunetto Latini (1951, p. 780) chamava as sereias de *meretrix*, abrindo vazas para várias elaborações figurativas. Não poderíamos deixar de comentar o tema da fada que se deixa surpreender pelo cavaleiro por quem se apaixona, acumulando-o de benefícios e riquezas. Esse tema torna-se uma constante nos lais e romances de cavalaria do final do século XII. A dupla forma mulher/serpente trata-se, provavelmente, de uma alusão à natureza demoníaca da fada, similar ao dualismo mulher/dragão. Para Morás (1999, p. 9), “devido à semelhança de motivos, diversos autores já fizeram a aproximação entre estas fadas demoníacas e Melusina [...], ainda que suas posições divirjam radicalmente em muitos pontos”. Tal como as sereias com cauda de peixe, as mulheres-serpentes entraram no imaginário medieval, alimentando a tradição e os contos populares por muitos séculos.

Considerações Finais

A respeito da conhecida história de Melusina, o conto “Bela, das brancas mãos” retoma o tema da mulher serpente da tradição medieval, contudo traz uma nova roupagem do mito. A autora lança uma visão moderna sobre essa temática, que, como prefere dizer, quando escreve sobre a questão das mulheres, ela trabalha a partir de dados concretos, de pesquisa. Segundo a autora, os seus contos de fadas tratam de sentimentos como o medo da morte e o da vida, o amor, o ódio, a inveja, o ciúme, e por isso, embora nasçam de sua intimidade com as palavras e com matérias-primas que busca no fundo da alma, tem uma estreita relação com versões dos clássicos e das fábulas.

O conto é recheado de alegorias, um tipo de figura de linguagem, cuja representação figurativa dá outro significado ao que está sendo contado. Entre esse tipo de figura, também há presença de metáforas e do elemento fantástico. No conto selecionado, encontramos uma situação em que as moradoras da aldeia querem se livrar de uma mulher, por sua presença ameaçadora e sedutora, pois viam seus homens cada vez mais atraídos pela mocinha que se tornava, a cada dia, uma bela mulher. A partir desse universo simbólico, a situação da jovem Bela, mesmo não respeitando os limites da realidade, traduz sentimentos verdadeiros, comuns no cotidiano das pessoas.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás, na figura da minha orientadora que acreditou em minha capacidade. À UEG, À PrP e ao CNPq por contribuírem para o meu aperfeiçoamento.

Referências

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **Imagens femininas e de feminização da mulher nas cantigas de amigo galego-portuguesas**. Tese [Doutorado]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

BESTIÁRIO Toscano (El). Trad. del catalán por Alfred Serrano i Donet y Josep Sanchís i Carbonell. Madrid: Ediciones Tuero, [s. d.].

COLASANTI, Marina. **Longe como o meu querer**. São Paulo: Ática, 2008.

DONTENVILLE, Henri. **Mythologie française**. Paris: Payot, 1973.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil**. São Paulo: Edusc, 2011.

ISIDORO DE SEVILHA. **Etimologias**. Ed. bilíngue. Trad. de J. Oroz y M. A. Marcos. Madrid: B. A. C., 1982-1983. v. 2.

LATINI, Brunetto. **Jeux sapientes du Moyen Âge**. Paris: Gallimard, 1951.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 2010.

MORÁS, Antônio. **Das representações míticas à cultura clerical: as fadas da literatura medieval**. São Paulo, *Revista Brasileira de História*, v. 19 n. 37, 1999. p.229-252.

ROGERS, Katharine M. **The troublesome helpmate: a history of misogyny in literature**. Seattle: University of Washington Press, 1966.

WHITE, T. H. **The book of beasts: being a translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century made and edited by T. H. White**. New York: Dover Publications, 1984.